



Jornalismo e Literatura: Um Comparativo Entre ‘O Cortiço’ e a Periferia de Rio Verde¹

Amanda Morais NUNES²
Anielle Aparecida Fernandes de MORAIS³
Faculdade Objetivo, Rio Verde (GO)

Resumo

Esse estudo tem como objetivo analisar a relação entre jornalismo e literatura. O estudo faz um comparativo entre o livro *O Cortiço*, cujo enredo de gênero naturalista retrata as mazelas vividas por moradores de estalagens ou cortiços cariocas no final do século XIX, e um trabalho de produção jornalística, desenvolvido por alunos do curso de Jornalismo da Faculdade Objetivo de Rio Verde, a respeito de moradores de periferia na cidade. A partir dessa investigação foi possível perceber, entre outras coisas, que tanto a literatura como o jornalismo apresentam um mesmo objeto de inspiração: a realidade.

Palavras-chaves: Jornalismo; Literatura; Periferia.

1. O Jornalismo como desdobramento da Literatura

A literatura surgiu no século IV a. C. com Aristóteles, que separou os gêneros em lírico, épico e dramático. O teórico estava mais preocupado com a forma de enunciar os textos do que com a escrita e a história. Ao longo dos séculos, os teóricos Gerard Genette, Emil Staiger e Victor Hugo começaram a contestar este modelo triplo, afirmando que o gênero estava ligado não somente à produção e à recepção, mas ao psicológico das pessoas. Somente a partir do século XX, o conceito foi revolucionado e a linguagem passou a se tornar o foco principal.

O termo literatura refere-se à junção da realidade com a ficção. Trata-se de um manifesto artístico, no qual o autor expõe seus pontos de vista, suas emoções, e suas técnicas acerca do que acontece na realidade. Já o jornalismo é o fato propriamente dito.

No caso do jornalismo literário, trabalham-se os dois conceitos na busca de aprofundar os fatos e tornar a notícia mais ampla. Diferentemente do jornalismo diário, esse segmento não está preocupado com furos de reportagens, fatos quentes e corriqueiros, mas sim com um

¹ Trabalho apresentado no IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Acadêmica do 7º período do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Faculdade Objetivo. E-mail: aamanda.rv@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa, Mestre em Letras pela Universidade Federal de São João del-Rei. Professora dos cursos de Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade e Propaganda) da Faculdade Objetivo. E-mail: aniellemorais@gmail.com



trabalho dinâmico, que contextualize a informação, envolva o leitor e que não seja sensacionalista.

No Brasil esse segmento é classificado de muitas maneiras. Para alguns historiadores, o século XIX seria o momento da história em que escritores assumiam as funções de editores, cronistas, autores de folhetim. Outros acreditam serem as críticas literárias veiculada nos jornais. E há também aqueles que identificam o jornalismo literário como *New Journalism*, movimento americano da década de 1960.

Pelo que acredita Ciro Marcondes Filho, em seu livro *Comunicação e Jornalismo: a saga dos cães perdidos*, a literatura tem sua maior influência no primeiro e segundo jornalismo, dos séculos XVIII e XIX, entre 1830 e 1900, e que têm como característica o conteúdo literário e político, com textos críticos, utilização de publicidade e profissionalização dos jornalistas. A literatura tinha como principal instrumento o folhetim, um estilo discursivo que é marca da união entre Jornalismo e Literatura.

Na França, o termo folhetim não se referia aos romances publicados em jornais, mas sim, a um segmento dedicado à crítica literária e a variados assuntos. Somente a partir das décadas de 1830 e 1840, com a eclosão de um Jornalismo Popular na França e na Grã-Bretanha, esse conceito sofreu mudanças. A publicação de narrativas literárias gerou aumento nas vendas, reconhecimento a veículos e escritores, além do aumento dos anunciantes, como afirma Felipe Pena (2008, p.29).

O folhetim era dirigido a um público vasto, sem distinção de classes. A linguagem deveria ser simples e acessível, o que segundo Pena (2008) justifica o uso de estereótipos e exageros. Eram relatadas histórias de amores impossíveis, adultérios e odisséias, com o objetivo de provocar lágrimas e riso fácil.

No Brasil não foi diferente: embora tenha havido confusão do estilo com a crônica. Quase todos os escritores brasileiros do século XIX passaram por jornais. O principal cronista foi Machado de Assis, publicando críticas sobre a sociedade brasileira. E foi nesse período que a influência da Literatura no Jornalismo se tornou mais visível. Afinal, os jornais precisavam vender e os autores queriam ser lidos, porém, o custo de livros era caro para o trabalhador



assalariado. E a união dos dois parecia a solução ideal para sanar os problemas, publicar romances em capítulos na imprensa diária.

O jornalismo começou a se fazer presente na literatura, quando escritores, tais como Tom Wolfe, Truman Capote e John Hersey começaram a dar um novo formato para suas obras, através de pesquisas, relatos e profunda descrição do tempo e do espaço que ocorriam as histórias.

Felipe Pena (2008, p.21), em seu livro, *Jornalismo Literário*, acredita que o conceito de jornalismo literário está ligado a uma questão linguística.

Assim, defino Jornalismo Literário, como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia da ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da posição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia. (PENA, 2008, p. 21).

A partir de características como esta, surgiu na década de 60 o Novo Jornalismo, com o intuito de ser subjetivo e de se desprender da regra do *lead* (que visa responder às perguntas o que, quem, quando, onde, como e por que). Wolfe (apud PENA, 2008, p. 26) acredita que a ideia do Novo Jornalismo é “evitar o aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracteriza a tal imprensa objetiva”.

1.1 O Jornalismo Técnico

Segundo pesquisadores, o jornalismo tem sua primeira aparição na pré-história, através da comunicação humana. Outros acreditam que o início se deu mais tarde, entre os séculos XVIII e XIX, quando já se notavam características como periodicidade, atualidade e publicidade.

Mas, o jornalismo passa a ganhar força entre 1950 e 1956, como agente social e fomentador da democracia, ou seja, em uma época em que o movimento feminista e as manifestações contra o racismo ganham as ruas nos Estados Unidos. Como reflexo dessas mudanças, o Brasil teve que aderir a técnicas e novos conceitos. Uma delas foi o *lead*, que visa responder



as principais dúvidas do leitor, e o método da pirâmide invertida, cuja narrativa não segue uma ordem cronológica e aquilo que é mais importante é dito no primeiro parágrafo, como explica o Manual de Jornalismo de Anabela Gradim.

De acordo com os preceitos jornalísticos, esse segmento precisa ser atual, objetivo, claro e direto, além de imparcial e dinâmico. No entanto, com o passar do tempo, essa forma fixa de trabalhar o jornalismo se tornou muito comum. E, assim, a literatura começou a ganhar espaço, através de uma nova linguagem, estilo e por sua maneira de retratar os fatos. Sempre levando em consideração o interesse público, a verdade, a ética e a clareza das informações.

1.2 Jornalismo Literário

O jornalismo literário é diferente do Jornalismo diário, pois o primeiro é básico e tem como premissa a informação e responder a curto espaço de tempo. O jornalismo literário conta uma história em ordem cronológica, com adjetivos, personagens, detalhes, enredo e humaniza a notícia.

De acordo com Pena (2008), as características desse estilo remetem a uma estrela de sete pontas, já que os sete elementos que o compõem são essenciais.

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2008, p.13).

Ao longo do tempo o Jornalismo Literário começou a ganhar mais força dentro da mídia impressa e televisiva. E os motivos para tal feito foi a busca pela proximidade com o público leitor/telespectador, por se basear em fatos reais e pela procura de novas ideias.

2 ‘O Cortiço’: a realidade em pauta

O livro *O Cortiço* foi publicado em 1890 e se insere no movimento literário Realismo/Naturalismo. A obra tem como principal objetivo denunciar as mazelas sociais do Rio de Janeiro naquele período. Segundo Angela Maria Rubel Fanini, doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em seu artigo “*O Universo do trabalho*



em *O Cortiço de Aluísio Azevedo*”, no livro tem-se uma gama de personagens trabalhadores, de diferentes profissões – lavadora, ferreiro, operário – reflexo das transformações que o País enfrentava: determinação do fim do tráfico negreiro (1850) e da escravatura (1888), decadência da economia açucareira, industrialização e crescimento das cidades. Para ela, o autor, Aluísio de Azevedo, tenta fotografar o real e traz todos esses elementos e conflitos para o romance.

A história se dá em dois ambientes principais bem diferentes: o cortiço do João Romão e o sobrado do Barão Miranda, figura que representa a elite brasileira. São retratadas as diferentes classes sociais, desde a classe mais baixa, passando pela classe média até chegar à burguesia e à elite carioca.

Além de retratar o naturalismo, a obra aborda também a sociedade do século XIX e faz menção à relação entre as classes sociais. No livro, percebemos isso através da figura de João Romão, que possuía uma simples estalagem próxima aos moradores do cortiço, e de Miranda, um burguês aristocrático que vivia em uma mansão próxima à estalagem.

A obra mostra como o meio, a raça e a história influenciam na construção do homem e o levam à degradação. Porém, o livro também aborda questões pertinentes que se refletem nos dias de hoje, é o caso do preconceito e da desigualdade social.

3 Realidade e Ficção: aproximações entre o contexto de ‘O Cortiço’ e a periferia de Rio Verde

O presente artigo analisa a relação entre Jornalismo e Literatura a partir de uma atividade desenvolvida por alunos do 3º e 4º períodos do curso Jornalismo da Faculdade Objetivo, em Rio Verde (GO). O trabalho foi aplicado durante a disciplina Oficina de Redação, ministrada pela professora Ma. Anielle Moraes e se desenvolveu em duas partes: a primeira consistia na leitura do Livro *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, e a segunda requeria dos alunos a produção de reportagens sobre a periferia de Rio Verde, no intuito de estabelecer um comparativo entre as histórias relatadas no livro e as histórias contadas por personagens das matérias.



O propósito do trabalho foi, também, verificar uma possível aproximação entre personagens apresentados em uma obra de ficção e personagens encontrados em contextos reais de produção jornalística.

As histórias contadas sobre Rio Verde possuem relação com o enredo narrado no livro: falta de estrutura, esgoto, saneamento básico e a precariedade de bairros periféricos, entre eles, bairro Martins, Céu Azul, Promissão, Dom Miguel, Vila Borges, entre outros. Chama a atenção a forma como muitos moradores estão sujeitos, em Rio Verde, a ruas sem asfalto, falta de segurança, ausência de saúde pública de qualidade e de redes de ensino próximas.

Durante a produção da reportagem, a escolha de editoriais para abordar determinados assuntos e compartilhar os fatos foi essencial para nos aproximar do cotidiano dos moradores, descrevendo fatos relacionados com saúde, educação, cultura, entre outros. O trabalho nos levou a sair de nossa zona de conforto e encarar a realidade vivida por essas pessoas. Através das conversas, das histórias contadas, das risadas e de marcas de expressões que o tempo deixou, pudemos perceber as dificuldades e os problemas que eles enfrentam diariamente.

Após compreender o significado de Jornalismo Literário e do comparativo entre o livro e a sociedade local pode-se verificar que, independentemente da época, os problemas perduram. Assim como os moradores do cortiço, da obra de Aluísio Azevedo, que sofreram com a precariedade e o preconceito no final do século XIX, muitas outras pessoas passam pelo mesmo problema em plena era tecnológica do século XXI.

3.1 Personagens do livro O Cortiço

Personagem	Contexto	Características
João Romão	Explora Bertoleza para conseguir a venda e a pedreira. Se casa com Zulmira por motivos financeiros e tem uma disputa com Miranda	Português ambicioso, dono da venda e do cortiço.
Bertoleza	Trabalha para João Romão, se torna amante dele e acha que conseguiu sua carta de alforria.	Escrava, desvalorizada por João Romão.
Miranda	Casado com Estela apenas por interesses financeiros,	Português, morador de um sobrado ao lado do cortiço.



	tem uma vida instável e divergências com João Romão por causa do Cortiço e da Pedreira ao lado de sua casa.	
Estela	Esposa de Miranda	Infiel
Zulmira	Filha de Estela e Miranda que se casa com João Romão em busca de ascensão social	Moça jovem e bonita.
Jerônimo	Administrador da pedreira de João Romão. Envolve-se com Rita Baiana e esquece de seus princípios.	Português, trabalhador e honesto.
Rita Baiana	Tinha um caso com Firmo, mas acaba se envolvendo com Jerônimo	Mulata sedutora e amiga de todos.
Piedade	Após ser abandonada pelo marido se entrega para bebida.	Esposa de Jerônimo, dedicada e bonita.
Pombinha	Decidi se prostituir	Moça discreta e educada

3.2 Personagens das reportagens sobre a periferia rio-verdense

Personagem	Contexto	Características
Terezinha da Silva	Moradora do bairro São Joaquim que sofre com a precariedade do transporte público, da coleta de lixo e dos postos de saúde.	Dona Terezinha, conhecida por muitos no bairro, representa uma parcela dos demais moradores que sofrem com o descaso do poder público e lutam por melhorias.
Cleusa Maria	Residente no bairro São João, reclama da falta de rede de esgoto.	Acredita que a sociedade deve se unir e cobrar do governo municipal um olhar mais atento e investimentos prioritários na coleta e tratamento de esgoto.
Sérgio Teodoro	Morador do bairro São Joaquim, reclama das quedas de energia, da coleta de lixo, do atendimento médico e dos bueiros.	Farmacêutico. Acredita que no aspecto econômico, os moradores da comunidade de uma maneira ou outra acabam solucionando os problemas pessoais.
José	Reside há 50 anos no bairro São João e sofre com falta de infraestrutura e investimento na região	Aposentado, teve que buscar outra forma de complementar a renda e abriu o próprio comércio.



Por se tratar de um romance naturalista-realista, *O Cortiço* retrata a sociedade carioca do século XIX mostra hábitos pertinentes que ainda se reflete nos dias de hoje. São eles: a desigualdade social, a exploração humana, o preconceito, o capitalismo, entre tantos outros.

A realidade da época foi um caminho para que a ficção pudesse ser retratada, contada através de personagens que na verdade faziam menção a pessoas e histórias reais. E através de relatos e um olhar profundo o autor conseguiu despertar atenções para aspectos jamais vistos e, por mostrar a importância e a força que histórias comuns têm quando são levadas a sério e passam a ser vista de outra forma.

É assim que muitos, tanto os moradores da periferia rio-verdense, quanto os moradores da obra analisada, não são reconhecidos como cidadãos, já que não têm acesso à educação, saúde, saneamento e lazer, direitos garantidos por lei.

Dona Terezinha, 57 anos, moradora do bairro São Joaquim, diz, na reportagem desenvolvida por dois alunos, que o mais difícil é a falta de transportes para crianças que frequentam a escola e também para pessoas deficientes. Já Cleusa Maria, 43 anos, também moradora do bairro, reclama da falta de coleta e tratamento de esgoto.

Conhecido pelos vizinhos como Dedé, Sérgio Deodoro, personagem de uma das matérias produzida pelos alunos durante a atividade aplicada na disciplina Oficina de Redação, mora no bairro São João há 50 anos, mas não viu, até hoje, qualquer mudança para modificar a falta de infraestrutura e problemas relacionados com a coleta de lixo.

Entre os enfoques trabalhados, chamou a atenção dos alunos questões relacionadas às diferenças sociais. No livro, isso foi analisado através de personagens como Henrique, filho de um fazendeiro, que passa a morar com seu Miranda e a frequentar o cortiço. Enquanto ele tinha dinheiro, as pessoas com quem convivia estavam sob péssimas condições e era, em sua maioria, composta por analfabetos. Isto é algo vivenciado ainda hoje, já que o país não tem uma distribuição de renda igualitária e a maior parte do dinheiro fica concentrada nas mãos de poucos.

Outros pontos levados em consideração na obra e na periferia rio-verdense são o ambiente, a precariedade, a humildade e a falta de iniciativa do poder público. Ao longo dos enredos,



tanto do livro, quanto das reportagens, ficam visíveis as inúmeras dificuldades enfrentadas pelos moradores do cortiço, como falta de saneamento básico, de higiene, de saúde pública e educação acessível. Problemas que se refletem nos dias de hoje, principalmente em bairros periféricos e favelas.

Foi feita também uma análise sobre o perfil da mulher do século XIX em comparação com a mulher atual. Levou-se em consideração a postura da mulher perante a sociedade, os diferentes tipos de mulheres e as dificuldades e preconceitos por elas enfrentados.

No livro, verificamos que a mulher não tinha voz ativa, não conquistou ascensão profissional e o máximo que fazia era trabalhar como doméstica em casa de famílias, devendo viver em prol do lar e da família. Assim como no século XIX, hoje também existem também subordinadas, porém, a diferença está no contexto em que as situações ocorrem. Ou seja, verificamos uma perpetuação da figura feminina presente na obra ainda nos dias atuais.

Outro aspecto importante são as diferenças culturais. No livro, o personagem Jerônimo, um português trabalhador, abandonou sua pátria, veio para o Brasil e teve que se adaptar a diferentes culturas e hábitos. Assim como ele, existem milhares de imigrantes e emigrantes que hoje vivem no país, eles também existem na cidade de Rio Verde, onde podemos destacar a presença de sulistas, paulistas e nordestinos que deixaram seus estados em busca de uma vida melhor.

Através da inspiração, de conhecer a fundo os temas do livro, cada aluno pode entender a real importância da literatura no cotidiano das pessoas. De acordo com uma pesquisa feita entre os alunos participantes da atividade, 90% acreditam que a literatura se inspira na realidade, pois a primeira retrata fatos e acontecimentos que a própria sociedade vive e que, na maioria das vezes, são passados de geração em geração. Outros 10% disseram que acreditam que ela se inspira na realidade e também é capaz de inspirar a realidade, uma vez que muitas histórias influenciam outras.



Considerações Finais

A literatura é considerada um retrato da realidade através da ficção. A partir dela, os autores buscam representar a realidade social e os problemas do ser humano com representação de cenas cotidianas e valorização de personagens inspirados no real.

O jornalismo, por sua vez, trata de personagens através de fatos verídicos. Através da informação, deixa que o próprio leitor tire suas próprias conclusões. Neste sentido, o jornalismo é diferente da literatura, na qual o autor muitas vezes deixa suas opiniões e críticas explícitas. Vale ressaltar, que embora tenham características narrativas diferentes, tanto a literatura, quanto o jornalismo se inspiram no mesmo objeto: a realidade.

O Cortiço retratou de forma realista a sociedade carioca do século XIX, seus costumes, tradições, conflitos, histórias de pessoas autênticas que deram origem a personagens como de Bertoleza, João Romão, Miranda, Estela, Rita Baiana, entre outros.

Em relação ao jornalismo pessoas reais se tornam os personagens que retratam problemas semelhantes aos observados no livro. Um exemplo é a história de dona Terezinha da Silva, moradora do bairro São Joaquim, em Rio Verde, que enfrenta a precariedade do transporte público, da coleta de lixo e dos postos de saúde.

Conforme o trabalho produzido na disciplina, os dois contextos, o do livro e o da produção jornalística, se aproximam, principalmente porque o objeto de inspiração de ambas as áreas é de fato a realidade da qual o homem faz parte.

Referências

BAHIA, Ryanne F. Monteiro. **Quando a pobreza toma corpo: análise sociológica de O Cortiço, de Aluísio de Azevedo**. Disponível em:

<<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/baleianarede/article/viewFile/2849/2226>>. Acesso em: 04 maio. 2014.

COSTA, Maria Moreno. **“O Cortiço”, um retrato da vida urbana do século 19**. Disponível em:

<<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/o+cortico+um+retrato+da+vida+urbana+no+fim+do+seculo+19/n1237806746805.html>>. Acesso em: 02 maio. 2014.

FANINI, Angela Maria Rubel. **O Universo do Trabalho em O Cortiço de Aluísio Azevedo**.

Disponível em: <<http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/13%20-%20O%20UNIVERSO.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2014.



MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacked, 2000.

GRADIM, Anabela. **Manual de Jornalismo**. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-1.html>>. Acesso em: 05 junho. 2014.

GUIA DO ESTUDANTE. “**O Cortiço**” – **Análise da obra de Aluísio de Azevedo**. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/literatura/cortico-analise-obra-aluisio-azevedo-700292.shtml>>. Acesso em: 02 maio. 2014.

MORAIS, Anielle. **O jogo da diferença e as representações sobre a periferia no programa *Esquenta!* da Rede Globo**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-2611-1.pdf>>. Acesso em 20 abril. 2014.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

VILAS, Sérgio. **Jornalistas literários - narrativas da vida real por novos autores brasileiros**. São Paulo: Summus, 2007.

WEISE, Angélica Fabiane. **Para compreender o jornalismo literário**. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed730_para_compreender_o_jornalismo_literario>. Acesso em 20 janeiro. 2015.

